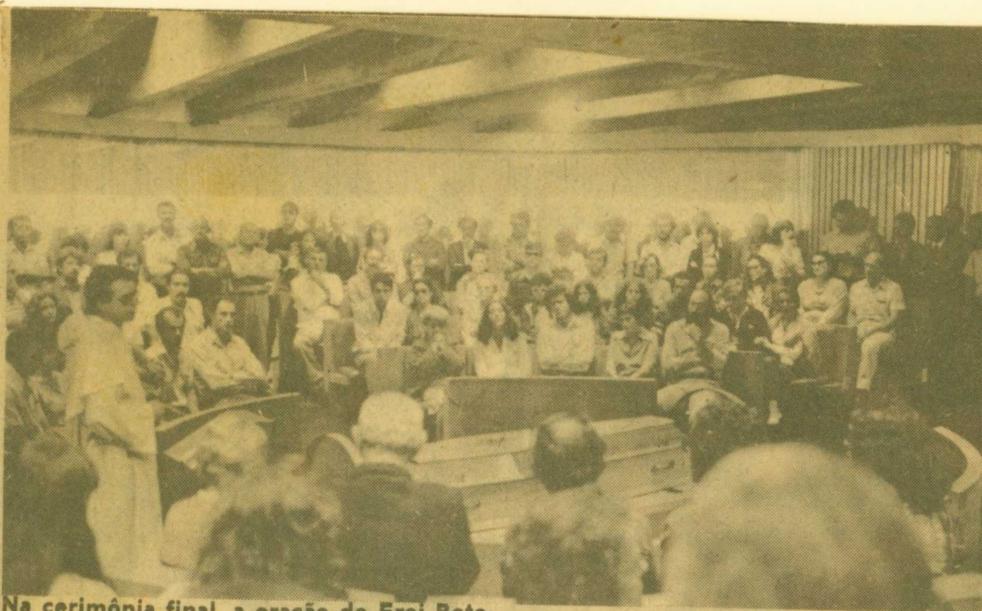


Sérgio Buarque: a morte aos 79.



Na cerimônia final, a oração de Frei Beto.



Chico: "perdi um grande amigo".

## O mestre, o crítico, o pensador.

Aquele que teve todos os títulos para ser um *scholar* de renome internacional, o historiador paulista Sérgio Buarque de Holanda, era de uma falta de pompa e uma informalidade encantadora, que o fazia apresentar-se brincalhão como "o pai do Chico Buarque, compositor" às pessoas mais desavisadas. Nenhum de seus títulos imponentes — Professor de História das Américas e Civilização Luso-Brasileira na Universidade do então Distrito Federal (hoje Rio de Janeiro); Professor de Estudos Brasileiros na *Università di Roma*; Professor de História da Civilização Brasileira na Faculdade de Filosofia na Universidade de São Paulo — tirava-lhe o tom cordial, brincalhão, amável com que acolhia todos os interlocutores em conversas restritas a poucas pessoas. Sua morte prematura o encontra-o em meio à elaboração acelerada de uma vasta História do Brasil que se detém, por ora, no período monárquico brasileiro.

Mestre de profunda erudição de várias disciplinas que formavam o mosaico da sua História, nela se incluíam a sociologia, as vicissitudes econômicas, as leis, as tradições e a psicologia das raças que de outros continentes vieram formar o Brasil. Crítico literário improvisado, dedicou noites e noites de afincado para atualizar-se e ler a literatura que lhe era dada para resenha, reservando, ao lado da sua lucidez cristalina, uma saudável recusa em aceitar *in toto* os dados da "nova crítica" que Afrânio Coutinho garimpava um tanto afoitamente nos Estados Unidos e quisera transplantar, pesadamente, para o terreno da análise da nossa literatura. Essa sã tendência fica claramente enunciada, por exemplo, em *Tentativas de mitologia* quando, entre outros temas, ele alude ao erro freqüente dos que esperam tanto da História como da Literatura um desdobramento regular, previsível, planejado. Seu horror a toda esquematização rígida, dogmática, o leva a temer os "Excessos de análise, os excessos de simplificação e de aplicação..." (que) constituem a patologia de todas as técnicas conver-

tidas em métodos, de todos os métodos convertidos em metodologias". É o "pecado", parte fraca do "new criticism" importado dos EUA para combater o impressionismo das conclusões "gostei, não gostei de tal obra". O resultado é que o excesso de métodos rigorosos não impede uma abordagem tão impressionista quanto o subjetivismo do mero "impressionismo" anterior, da "impressão" individual que um crítico por ventura tenha tido de uma obra.

Além disso, Sérgio Buarque de Holanda, co-partícipe da Semana do Modernismo de 1922, é um finíssimo selecionador, comentarista exímio e organizador da "Antologia dos Poetas Brasileiros da Fase Colonial", ocasião que tem para ressaltar não só o sentimento nativista de Gregório de Matos Guerra, o "Boca do Inferno", com suas sátiras contra as mazelas da Bahia colonial e sua defesa, inédita, dos colonizados contra a Metrópole lusa, ao lado das Academias barrocas e rococós que se formavam na Bahia e em Minas Gerais, da Inconfidência Mineira abortada, com seus membros dando às suas agrimações títulos elaborados por lamentosos marginalizados das sociedades cultas congêneres de Portugal: "Academia dos Esquecidos" e já com um nascente espírito de independência da tutela portuguesa e laivos de um romantismo que só mais tarde se aclimatará plenamente no Brasil independente de 1822.

Duas obras ressaltam pela pujança e importância de sua colocação ou diríamos melhor ordenação da sociedade brasileira que as inspira, na visão sumamente aguda de Sérgio Buarque de Holanda. Felizmente e com argumentação irrefutável, Sérgio Buarque de Holanda, sem ser esse o seu propósito, ajudou a enterrar a visão niilista que tinha da formação do Brasil um historiador como Paulo Prado e seu terrível: "Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira (1928)". Com "Raízes do Brasil", de 1936, o autor dá mais importância a fatores como os propostos pela Semana de 22 e que, em suma, visavam todos a voltar a atenção do

brasileiro para os problemas vitais do presente brasileiro. Ao denunciar os brasileiros saudosistas de "tradições" rígidas européias e de um "passado glorioso europeu" que nós, brasileiros de origem européia, perdemos, ao sermos transplantados para o Novo Mundo, Sérgio Buarque de Holanda não crê, com razão, na racionalidade fria, calculista, matemática, da colonização portuguesa do Brasil — ela foi-se fazendo um pouco ao acaso e redundou não num choque das raças que compõem o Brasil moderno: ao contrário abrandou-lhe as arestas, envolveu-nos todos em um "você" igualitário, íntimo, familiar; ao mesmo tempo que, em relação a outras sociedades mais modernas, o Brasil pagava o preço de ter uma urbanização atrasada, com o predomínio das relações entre pessoas e não entre abstrações como a firma e o Estado. Mais tarde, recentemente, ele renegaria sua famosa teoria de que o brasileiro é o "homem cordial", expressão que tomara emprestada ao poeta Ribeiro Couto. A fase atual da sociedade exige uma hierarquização de postos na máquina produtora que eclipsa as relações pessoais, incute nas relações antes orientadas pelo difuso emocionalismo brasileiro o padrão da produtividade, da impessoalidade das relações entre empregados e patrões e facilita as lutas sindicais de grupos contra grupos, como na Europa e nos EUA. Essa modificação vem pôr abaixo também a visão fidalga que os brasileiros tinham do trabalho manual e que até hoje faz algumas camadas da sociedade brasileira usarem a unha do dedo mínimo da mão esquerda exageradamente longa, como que a denotar que seu proprietário não trabalha na gleba, não faz trabalho vil, de "gentio".

Daí a certa preguiça à la Macunaíma de um povo que não tem a ética protestante de enriquecer-se e prefere gozar a vida plenamente, equação que o brasileiro subverteu, criando uma civilização em que o trabalho não é a única ética constituída e antecipando-se já à instituição do lazer dentro da mecânica rotineira dos relógios de

ponto, dos horários, da produtividade cronometrada.

Seria, de passagem, importante citar também "Visões do Paraíso — Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil", em que, em meio a uma diversidade de temas, Sérgio Buarque de Holanda documenta solidamente a procura dos descobridores portugueses e depois espanhóis e italianos de um Reino mítico, o Eldorado, o Paraíso, nas terras da América e o contraste entre a intenção, no Norte da América, de lá se criar uma nova sociedade mais justa, mais livre, e, no Brasil, ao contrário, lançar-se mão apenas dos recursos materiais e humanos da terra recém-descoberta para explorá-la sem jamais sonhar com a sua autonomia e futura individualidade nacional.

De ambos os livros resalta um mesmo retrato do Brasil: se somos os "desterrados" de nosso legado cultural e intelectual da Europa, não há via mais saudável do que a de nos despojarmos voluntariamente do peso excessivo, do peso morto que parte desse passado europeu representa para nós. A mais duradoura lição do historiador permanece inalterável: para sermos independentes em todos os sentidos é indispensável que nos voltemos para o presente. Que apresentemos soluções brasileiras e pioneiras para a nossa problemática. Será inútil e simiesco macaquearmos sempre o que vem de fora — seja, ontem, da Europa, hoje dos EUA —: única maneira de forjarmos uma nacionalidade, um *ethos*, uma identidade é sermos nós mesmos, tomando o passado como mera base mas com os olhos voltados para aquilo que em filosofia se chama *divenire* mas em ciências sociais, política, economia, psicologia, história e cultura quer dizer simplesmente: ousar sermos originais, independentes de fontes externas; em substância: ousarmos inaugurar, de forma inédita, o que nunca se fez nestas latitudes. Aí, sim, as raízes darão frutos que não serão meras e grotescas imitações do Velho Mundo ou do avassalador e remoto irmão do Norte...

Leo Gilson Ribeiro